

EDITORIAL

A Igarapé: Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade, do Grupo de Estudos Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade (LECCA), vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGMEL) da Universidade Federal de Rondônia, neste terceiro número, referente ao ano de 2022, acolhe o dossiê temático “Mutações Literárias: reconfigurações da literatura brasileira contemporânea (2010 ao presente)”, organizado pelos professores Dr. Leonardo Tonus (Sorbonne – Paris IV), Dra. Maria Alice Sabaini de Souza Milani (DALE/UNIR) e Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes (PPGMEL/UNIR). A proposta do dossiê assume a tarefa de pensar a literatura brasileira contemporânea e, com isso, evidenciar a alta qualidade e a multiplicidade que a caracteriza. Para tanto, os artigos selecionados atestam as singularidades dessas obras, contribuindo com a ampliação e repercussão de estudos críticos-teóricos e temáticos nesse âmbito para os estudos literários.

Nesse horizonte múltiplo de manifestações literárias, o autor Rafael Senra Coelho traça os temas fundamentais da poesia brasileira contemporânea em termos de permanência e ruptura e discute e problematiza sua historiografia. Elvis Barbosa Caldeira Silva e Eduardo Horta Nassif Veras analisam a poesia de Matheus Guménin Barreto, à luz das discussões teóricas relacionadas à retomada crítica da lírica e do sujeito lírico na literatura moderna e contemporânea, ampliando os estudos críticos sobre esse promissor poeta mato-grossense.

Ao longo da leitura dos artigos percebemos que obras compostas pela mistura de estilos anteriores, isto é, dos pós-modernismos, e de tendências emergentes marcam o *corpus* de pesquisa dos autores que compõem esta coletânea. Entre essas “mutações” podemos destacar, entre outros cruzamentos temáticos e formais explorados pelos artigos, os hibridismos formais e culturais presentes, por exemplo, em *Mar Paraguayo*, de Wilson Bueno, analisado por Emerson Preti. Nesse prisma, a temática do deslocamento cultural associado à escrita híbrida dos romances *A neve do almirante* (1986), de Álvaro Mutis, e *Rakushisha* (2007), de Adriana Lisboa é analisado pelo viés comparativo por Luana Yakira Rodrigues Mendes e Tatiana da Silva Capaverde. O livro *Caderno Goiabada* (2022), da poeta Nina Rizzi, é outro caso de hibridismo de múltiplas formas textuais que remete aos primeiros passos femininos na produção literária brasileira, conforme analisado pela autora Anna Carolina Deodato.

As literaturas que emergem como forma de visibilidade, representatividade e questionamento identitário também são objeto de estudo de alguns autores deste dossiê. Entre elas, a narrativa histórica *Águas de barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz, abordada por Maximiliano Torres e Kaio Rodrigues, o poema “Inusitada”, que integra o livro *Terra negra* (2017), da poeta Cristiane Sobral, analisado sob a perspectiva do feminismo decolonial por Fernanda Schelchuck Dias e Samira Martins e o conto “Mirtes Aparecida da Luz”, inserido na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), de Conceição Evaristo, que é debatido pelas autoras Evaristo Patrícia Pinheiro-Menegon e Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega. Por sua vez, Joel Vieira da Silva Filho realiza uma leitura crítica no âmbito da literatura de autoria indígena ao contrapor a representação da figura do índio/indígena no romance *O guarani* (1857), de José de Alencar ao conto “O roubo do fogo” (2015), de Daniel Munduruku.

Outra mutação fortemente presente na literatura desse período é o diálogo interartes e intermedialidade suscitado por obras como *A menstruação de Valter Hugo Mãe* (2007), da artista e poeta Carla Diacov, abordada pelas pesquisadoras Cláudia Lorena Vouto da Fonseca e Luiza Prates dos Santos, e na produção do Visual Vernacular (VV), na Literatura Surda Brasileira, de Fábio de Sá, estudada por Dayane Soares Rosa e Arlene Batista da Silva.

Por fim, outra tendência que permanece na literatura contemporânea é aquela discutida por Enedir Silva Santos, ou seja, a da violência, especificamente a violência de gênero, no romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo. Por esse ângulo, Nelson Martinelli Filho e Elias de Oliveira Lima Junior refletem a partir do poema “Recostura”, de Marcelo Mário de Melo, a memória histórica das dores latentes deixadas pela ditadura militar brasileira (1964-1985) e exploram um movimento da literatura atual em torno desse trauma histórico.

Agradecemos aos autores, aos pareceristas e à equipe técnica da *Igarapé*, pela valiosa contribuição de cada um para chegarmos a esse resultado, que prima por um conteúdo de qualidade. Somos gratos aos autores pela intensidade das pesquisas e aos pareceristas pelo tratamento dado à avaliação dos artigos, que permitiu uma seleção apurada de textos.

Boa leitura!

Os editores
Gracielle Marques
Miguel Nenevé
Iluska Lobo Braga